

# Picadinho de romance: O folhetim e a popularização da literatura através dos jornais

ALINE STRELOW<sup>1</sup>

## 1.2 CAPÍTULO

Picadinho de romance, literatura aos pedaços, literatura industrial, romance por entrega, literatura de massa – são muitas as designações para o que se consagrou chamar de *romance-folhetim*. A narrativa longa, dividida em capítulos, recheada de personagens diversos e marcada pelo melodrama foi objeto de estudo de Antonio Hohlfeldt em sua tese de doutorado, defendida em 1998 e editada em livro em 2003. Ao tema, o autor também dedicou artigos, capítulos de livros e palestras. Com enredos complexos que se desdobravam ao longo dos meses, os textos em folhetim traziam grande número de personagens, ações eletrizantes, mistério e uma estrutura mon-

- 
1. Professora Adjunta da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Fabico-UFRGS). Doutora em Comunicação e Práticas Sócio-Políticas pela Pontifícia Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PUCRS). Pós-Doutora em Jornalismo pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Trabalhou, durante três anos (1999 a 2001), como bolsista de iniciação científica do professor Antonio Hohlfeldt, vindo a ser, mais tarde (2004 a 2007), sua orientanda de doutorado. Durante a iniciação científica, integrou a pesquisa sobre romances-folhetim realizada pelo autor. Ver-teu para o português contemporâneo todos os romances-folhetim estudados no referido trabalho e citados neste capítulo como objeto de pesquisa de Hohlfeldt.

tada com o objetivo de gerar um efeito de suspense no final do espaço dedicado à narrativa, geralmente o rodapé dos jornais<sup>2</sup>. Situado entre o jornalismo e a literatura, o romance-folhetim representou um impulso importante para a ampliação da abrangência dos periódicos e para a popularização dos textos literários. As histórias que arrebatavam os leitores e eram desconsideradas pela crítica fizeram parte da infância e da adolescência de Hohlfeldt que, na academia, optou por dedicar a elas uma segunda leitura, agora científica.

A contribuição do autor para os estudos sobre romances-folhetim no país é generosa – trata-se de temática pouco explorada, embora o formato tenha feito enorme sucesso em suas diferentes regiões. Tendo como objetivo analisar o contexto sul-rio-grandense, Hohlfeldt parte do surgimento do folhetim, na França, contextualiza seu desenvolvimento em terras brasileiras até chegar às experiências no Rio Grande do Sul.

A fundamentação teórica tem como base a perspectiva marxista do italiano não ortodoxo Antonio Gramsci, que valoriza pioneiramente a importância do romance-folhetim, reconhecendo-o como meio para a difusão dos jornais entre as classes populares (1968). Para a análise específica de textos que circularam nos jornais do século XIX, aparecem o formalista russo B. Tomachevski e o colombiano Jesús Martín-Barbero. Com este último, Hohlfeldt estuda o romance-folhetim como um objeto do campo comunicacional, através do conceito de *estratégia de comunicabilidade*, como veremos adiante.

Neste capítulo, analisaremos os estudos de Hohlfeldt dedicados ao tema, a partir dos seguintes textos: **Deus escreve direito por linhas tortas**, livro publicado em 2003, resultado da tese de doutorado do autor; *Le Roman-fueilleton et la presse dans le sud de Brésil*, artigo publicado em 2004 na revista francesa *Sociétés*; e *O romance-folhetim do século XIX*, capítulo que integra a obra **Comunicação e práticas de consumo**, publicada em 2007.

## A literatura ganha os jornais

Os textos literários têm espaço cativo nos periódicos desde seus primórdios. O dicionário da Academia Francesa, de 1684, comprova a organicidade dessa

- 
2. O rodapé era o espaço reservado ao entretenimento, onde também eram publicados contos, artigos, ensaios breves, crítica de arte, poemas e tudo, enfim, que pudesse amenizar, para os leitores, o conjunto de relatos dos acontecimentos daquele dia ou semana (HOHLFELDT, 2003).

relação – nele, em sua origem, a palavra *jornal* designa um periódico especializado em literatura. A primeira folha a dar espaço à crítica literária foi a francesa *Journal des Savants*, já em 1665. Considerando o cenário desenhado por Thompson (2009), que situa as origens dos jornais modernos nas duas primeiras décadas do século XVII, quando periódicos regulares de notícias começaram a aparecer semanalmente, com um certo grau de confiabilidade, fica claro o protagonismo da temática literária.

Não serão poucos os jornais a dedicarem suas páginas ao assunto, muitos deles, inclusive, especializando-se nele. No entanto, é no século XIX, no ritmo das grandes descobertas e conquistas tecnológicas, que a proximidade entre jornalismo e literatura transforma-se mesmo em intimidade e o ritmo de produção desta passa a obedecer aos prazos impostos pelos periódicos. O romance-folhetim surge como uma poderosa estratégia para a ampliação da abrangência dos jornais, para a fidelização dos leitores e para a consolidação da venda por assinaturas.

A difusão sequenciada de textos literários foi idealizada por Émile Girardin, criador do jornal *La Presse*. A publicação do primeiro romance-folhetim, no entanto, deu-se pelas mãos de Armand Dutacq, ex-sócio de Girardin, que se antecipa ao mesmo ao fazer circular a narrativa anônima espanhola *Lazarillo de Tormes* nas páginas do jornal *Le Siécle*. A escolha do texto não foi por acaso: por ser anônimo, não exigia o pagamento de direitos autorais. A obra, que teve seu primeiro capítulo publicado no dia 05 de agosto de 1836, constituir-se-ia num modelo da narrativa que faria sucesso entre os parisienses, os franceses, a Europa e, em seguida, o mundo.

De acordo com Hohlfeldt, a literatura popularizou-se através do jornalismo, mudando constantemente suas características. “Escritores sobreviviam do jornalismo enquanto desenvolviam suas obras. Os livros, originalmente muito caros, tiveram seus preços barateados, à medida que a revolução industrial aperfeiçoava as máquinas e as tiragens aumentavam”, explica (2003, p.30). O folhetim torna-se gênero referencial para as mais diferentes camadas da população, sobretudo devido ao desenvolvimento de novas técnicas narrativas e emprego de novos temas por parte dos autores.

No Brasil, o fenômeno não tardou a chegar. Dois anos apenas após a circulação do *Lazarillo*, o *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, publica o primeiro capítulo de *O Capitão Paulo*, tradução para o português do texto de Alexandre Dumas, publicado originalmente na França. Os leitores multiplicaram-se num país ainda semianalfabeto, e a influência sobre os que se tornariam os primeiros escritores do país seria plenamente reconhecida, bastando citar José de Alencar. Por seu lado, os escritores surgidos na maré do Romantismo brasileiro utilizariam o mesmo princípio para a divulgação de suas obras, e a circulação dos romances, no Brasil, através dos jornais, permaneceria até meados do século XX,

fazendo com que não apenas os textos românticos quanto os autores das tendências que se seguiriam, especialmente o Realismo e o Naturalismo, adotassem o mesmo tipo de veiculação. Também os textos de peças teatrais consagradas chegaram a ser veiculados no espaço do folhetim.

## O romance-folhetim no Rio Grande do Sul

O Rio Grande do Sul, após a Revolução Farroupilha (1835-1845), segue a tendência das demais províncias brasileiras. A partir de 1850, são editados jornais que aspiram trazer e representar a modernidade (HOHLFELDT, 2007). Em 1856, será publicado o primeiro jornal literário sul-rio-grandense, o semanário *O Guayba*. Depois dele, as folhas literárias multiplicam-se rapidamente e, até a virada para o século XX, circulam cerca de 70 jornais literários apenas na capital, Porto Alegre (FERREIRA, 1975). Em comum entre eles, além da temática, está o sempre presente romance-folhetim.

O formato, porém, não é exclusividade dos jornais literários, mas está presente também nos periódicos políticos, independente de suas posições, e naqueles que oferecem ao leitor a promessa, não cumprida, de neutralidade. De acordo com Hohlfeldt (2007, p. 122), um dos jornais que mais se dedicou à divulgação do romance-folhetim foi o *Jornal do Comércio*, de Porto Alegre. Ele traz uma novidade: são seus próprios jornalistas e colaboradores os autores dos romances – as demais publicações dedicam-se, de um modo geral, à tradução de originais franceses ou à utilização de textos de escritores nacionais consagrados. Os folhetins do *Jornal do Comércio* baseiam-se, muitas vezes, em fatos verídicos, recriados, atualizados e reinterpretados.

Os jornais que aparecem no estado após a Revolução Farroupilha começam a modernizar-se para atender ao leitor urbano, que já almeja e começa a vivenciar a modernização da capital, Porto Alegre. O cenário também é composto por acontecimentos importantes: a abolição da escravatura; a Proclamação da República; a reurbanização do Rio de Janeiro, com Pereira Passos, e, no Rio Grande do Sul, a Revolução Federalista.

Os estudos de Hohlfeldt sobre romances-folhetim partem de um contexto mais amplo para focar, com profundidade, as experiências realizadas no Rio Grande do Sul. As análises são marcadas por um olhar que contempla o processo comunicacional – a atenção do autor direciona-se para o contexto sócio-histórico do período, para as condições de produção dos autores, para os textos propriamente ditos e para as condições e processos de recepção. Trata-se de um retrato abrangente, que permite conhecer os romances-folhetim como objetos comunicacionais privilegiados.

Nos mais de 200 romances encontrados pelo autor, publicados na segunda metade do século XIX, destacam-se os seguintes aspectos:

- predominam os textos traduzidos, sobretudo de autores franceses;
- entre os franceses, predomina o *romance sentimental*, produção que se situa entre 1852 e 1900;
- prevalência, por aqui, dos mesmos autores que fizeram o sucesso do *romance sentimental* na França, como Xavier de Montépin, Jules Mary, Émile de Richebourg, Georges Ohnet, Hector Malot, Peres Escrich e Octave Feuillet;
- ausência de relação direta entre a ideologia do jornal e o folhetim publicado, de sorte que muitos dos folhetins divulgados num jornal liberal podem vir a ter espaço num jornal republicano;
- dos autores de língua portuguesa, a série se inicia com a republicação, pelas páginas do *Correio do Sul*, entre 22 de abril e 22 de maio de 1860, do romance *Um amor de mulher*, de autor anônimo, editado originalmente pelo *Jornal das Senhoras*, do Rio de Janeiro;
- dentro os autores gaúchos, de origem sul-rio-grandense ou fixados no estado, verificam-se os nomes de Antônio Alves Pereira Coruja, Ramiro Fortes de Barcellos, Damasceno Vieira, J. F. de Assis Brasil, Nicolau Dreys, Ana Aurora do Amaral Lisboa.

Dentre os textos encontrados na exaustiva leitura dos jornais sul-rio-grandenses da época, Hohlfeldt selecionou quatro para análise. São eles: *A filha da cigana*, de Carlos Jansen, publicado no *Jornal do Comércio*, entre 18 de julho de 1877 e 6 de abril de 1878; *Paulo Lopes*, de Jean Charles Moré, que circulou nas páginas do *Mercantil*, de 14 de outubro de 1887 a 10 de agosto de 1888; *A casa de Tio Pedro*, de Júlio, Lemos e Lauro Rosa, publicado no *Jornal do Comércio*, de 1º de outubro de 1895 a 27 de dezembro do mesmo ano; *A tasca*, dos mesmos autores e também publicado no *Jornal do Comércio*, levado a público de 9 de fevereiro a 21 de junho de 1896.

## O fascínio dos leitores

Nesse olhar para o passado, para parte importante da história da imprensa e do jornalismo no Rio Grande do Sul, Hohlfeldt contempla o público para o

qual as narrativas se destinavam. O formato tinha como objetivo justamente conquistar novos leitores. Mas, quem eram essas pessoas? O autor nos mostra que se tratava, como não poderia deixar de ser, de um público novo, carente de tradição cultural. “A sinhazinha e o estudante, por exemplo, já apontados por Antonio Candido e outros estudiosos de nossa literatura, diferente, contudo, do público europeu, experimentado na industrialização e no capitalismo ainda não desembarcados aqui”, afirma (1998, p. 69).

Para compreender a relação que se estabelece entre texto e leitor, a análise de Martín-Barbero (1997) aparece como fundamentação teórica central. O folhetim, para o colombiano, é uma forma de encontro do intelectual com o povo. Mesmo que sua tendência seja, de um modo geral, reformista (ECO, 2008) – denunciando as contradições atrozes da sociedade, mas resolvendo-as sem mexer no leitor, devolvendo-lhe a paz ao final da história – o folhetim é pioneiro em tematizar o universo da miséria, do medo e da luta pela sobrevivência (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 187).

O conceito de *estratégia de comunicabilidade*, aplicado ao gênero por Martín-Barbero, guia Hohlfeldt em seus estudos das narrativas publicadas no Rio Grande do Sul. O gênero é, assim, uma estratégia de interação. A competência textual, narrativa, não se acha apenas presente, não é unicamente condição da emissão, mas também da recepção (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 302).

O papel social desempenhado pelo folhetim é destacado por Hohlfeldt no artigo publicado na revista francesa *Sociétés*, em 2004. De acordo com ele, o gênero atraiu a atenção dos leitores para novas situações, provocou a discussão de assuntos polêmicos e colaborou com o desenvolvimento de uma nova sociedade urbana. A leitura dos textos proporcionava (e continua proporcionando) o contato com eventos políticos e históricos os mais variados, permitindo acompanhar as mudanças vivenciadas pela cidade de Porto Alegre na segunda metade do século XIX e na virada para o século XX. Tais mudanças seguiam a tendência iniciada na década de 1870, movidas por um projeto de modernização e higienização. O romance-folhetim pode ser, assim, visto, pelos leitores contemporâneos, como um documento da época, que dá pistas do funcionamento da sociedade naquele momento.

## Dramas da vida na terra das bombachas

Marlyse Meyer usa a expressão *dramas da vida* para referir-se aos romances-folhetim. Referência importante no trabalho de Hohlfeldt, ela explica que a *receita* desse tipo de narrativa vai se elaborando aos poucos, assim como, aos

poucos, a fórmula do “continua amanhã” entra nos hábitos dos leitores e suscita expectativas. “No começo da década de 1840 [na Europa] a receita está no ponto, é o filé mignon do jornal, grande isca para atrair e segurar os indispensáveis assinantes. [...] Brotou, assim, de puras necessidades jornalísticas, uma nova forma de ficção, um gênero novo de romance”, salienta (1996, p. 59). Como vimos, o fenômeno tomará as páginas dos jornais brasileiros a partir de 1838 – no Rio Grande do Sul, chega na década de 50 do século XIX.

Hohlfeldt mostra, em seus diferentes textos dedicados ao assunto, que o gênero foi uma prática corrente no jornalismo sul-rio-grandense. Seguindo o exemplo das folhas do centro do país, os periódicos de Porto Alegre passaram a divulgar os romances da moda, em traduções feitas, na maioria das vezes, pelos próprios jornalistas. No que tange às traduções, há preferência pelos textos que apelam às lágrimas e à emoção. Embora predominantemente de origem francesa, o autor registra a presença, também, de traduções de textos norte-americanos e ingleses.

O mais importante de tudo, para o autor, é a conclusão de que a prática do romance no Sul do Brasil, popularizada pelo folhetim, alcançou um desenvolvimento representativo, o qual é possível vislumbrar acompanhando suas pesquisas. Os escritores e jornalistas do estado mostraram capacidade não apenas para reproduzir um texto tão qualificado quanto de seus colegas europeus, quanto souberam transpor para temas locais os princípios da composição romanesca e a estética europeia, lançando, muitas vezes, seu olhar para o cotidiano da capital gaúcha, registrando, refletindo e construindo a memória de uma época.

Deve-se, pois, concluir, que – ao menos nos três exemplos estudados, e que, cremos, podem ser ampliados para os demais textos que venhamos a estudar, publicados ao longo deste mesmo período – os escritores que, na província mais meridional do Brasil, dedicaram-se a escrever o romance-folhetim, fizeram-no com o domínio literário bastante seguro e maduro, criando textos não apenas eficientes, do ponto de vista das estratégias de comunicabilidade, quanto do ultrapassamento das técnicas mais corriqueiras do gênero e dos temas habitualmente desenvolvidos. Através da forma do romance-folhetim, nossos folhetinistas desenvolveram textos que os aproximam da categoria de literatura com que os textos em livro seriam depois reconhecidos, através da oficialização da instituição escolar. Na verdade, embora pareçam repetir o modelo, o que de fato fazem formalmente, inovam quanto ao enfoque e conteúdo, trazendo lições modernizadoras e civilizadoras. *A filha da cigana*, de Carlos Jansen, agrega a perspectiva cristã ao modelo gótico da narrativa em que se inspira;

*Paulo Lopes*, de João Carlos Moré, pretende traçar paralelos entre acontecimentos pretéritos e contemporâneos e, assim, advertir sobre os riscos que a sociedade brasileira, segundo ele, está a correr naquele momento; *A casa de tio Pedro*, escrita por três jornalistas porto-alegrenses, pretende agregar-se ao esforço que a administração pública está a desenvolver no sentido de urbanizar a cidade (HOHLFELDT, 2003, p. 256).

Foi a partir do romance-folhetim que a literatura se popularizou e alcançou efetivo reconhecimento junto ao público, independente da crítica. Isso se deu por conta da opção dos escritores por estruturas folhetinescas, que atingiram plena comunicabilidade junto ao público. No Rio Grande do Sul, para o autor (2003, p. 257), considerando a escassez de escolaridade, a ausência de professores e a inexistência de tradição literária, representou inestimável serviço cultural. O romance divulgado pelas páginas dos jornais inseriu o leitor num universo profundamente mais amplo, ao mesmo tempo em que tornou cotidiano o hábito da leitura. Entretenimento literário, meio de aproximação com as mudanças sociais, propulsor de debates e ganha-pão para escritores e jornalistas – o romance-folhetim foi um pouco de tudo isso. O impacto de seu formato repercute muito além do período em que seus textos fizeram indiscutível sucesso – ele adentra o século XX nos jornais, passa pelo rádio, com o estrondoso sucesso das radionovelas e conquista de vez o público com as telenovelas. Recentemente, com o advento da internet, o folhetim migrou para o ambiente digital – é um novo teste para o gênero, que, até aqui, só conheceu a aprovação.

## Referências

- ARNT, Héris. **A influência da literatura no jornalismo: O folhetim e a crônica**. Rio de Janeiro: e-papers, 2001.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.
- CESAR, Guilhermino. **História da literatura do Rio Grande do Sul: 1737-1902**. Porto Alegre: Globo, 1971.
- ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- FERREIRA, Athos Damasceno. **Imprensa literária de Porto Alegre no século XIX**. Porto Alegre: UFRGS: 1975.



GRAMSCI, Antonio. **Literatura e vida nacional**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

HOHLFELDT, Antonio. **Deus escreve direito por linhas tortas**: O romance folhetim dos jornais de Porto Alegre entre 1850 e 1900. Tese de doutorado defendida na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1998.

\_\_\_\_\_. **Deus escreve direito por linhas tortas**: O romance folhetim dos jornais de Porto Alegre entre 1850 e 1900. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

\_\_\_\_\_. Le roman-feuilleton et la presse dans le sud du Brésil. *Sociétés* (Paris), Wavre, v. 83, n.2004/1, p. 35-39, 2004.

\_\_\_\_\_. O romance folhetim do século XIX. In: CASTRO, Giselda; BARROS FILHO, Clóvis. (Org.). *Comunicação - Práticas de consumo*. 1ed. São Paulo: Saraiva, 2007, v. 1, p. 121-129.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações – comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MEYER, Marlyse. **Folhetim**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SILVA, Jandira; CLEMENTE, Elvo; BARBOSA, Eni. **Breve histórico da imprensa sul-rio-grandense**. Porto Alegre: Corag, 1986.

STRELOW, Aline. *A conquista dos leitores - do folhetim ao hipertexto*. In PRIMO, A.; GRUSZYNSKI, A.; STRELOW, A.; TONETO, B.; CUNHA, L.; MACHADO, S.; VENEGAS, S.; SOARES, T.; NECCHI, V. **Mapeamento do ensino do jornalismo digital no Brasil em 2010**. São Paulo: Itaú Cultural, 2010.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: Uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 2005.